

# DE *QUEER* A *QUARE*: UMA APOSTA INTERSECCIONAL ENTRE GÊNERO, RAÇA, ETNIA E CLASSE

Fernando Luís de MORAIS\*  
Cláudia Maria Ceneviva NIGRO\*\*  
Flávia Andrea Rodrigues BENFATTI\*\*\*  
Leandro PASSOS\*\*\*\*  
Luana PASSOS\*\*\*\*\*  
Luiz Henrique Moreira SOARES\*\*\*\*\*  
Regiane Corrêa de Oliveira RAMOS\*\*\*\*\*

■ **RESUMO:** Este artigo visa problematizar alguns dos limites da analítica *queer*, propondo uma abordagem teórica mais alargada, capaz de estabelecer correlações entre gênero, raça, etnia e classe. A fim de articular essas clivagens identitárias, recorre-se às contribuições aportadas pelo pensamento interseccional e pelos estudos *quare*, projeto disciplinar intervencionista que amplifica os marcos das dimensões prototípica, analítica e epistemológica dos estudos *queer* com o propósito de incorporar questões enfrentadas por lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros racializados. A partir da análise da canção *Beautiful Blackman* (1989), de Blackberri, do romance *Giovanni's Room* (1956), do

---

\* UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Instituto de Biociências – Letras e Ciências Exatas – Departamento de Letras Modernas – São José do Rio Preto – SP – Brasil. 19806-900 – dmorays\_2@hotmail.com.

\*\* UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Departamento de Letras Modernas – São José do Rio Preto – SP – Brasil. 19806-900 – cmc.nigro@unesp.br.

\*\*\* UFU – Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Letras e Linguística – Uberlândia – MG – Brasil. 38408-100 – flavia.benfatti@ufu.br.

\*\*\*\* IFMS – Instituto Federal de Educação – Ciência e Tecnologia do Mato Grosso do Sul – Três Lagoas – MS – Brasil. 79021-000 – leandro.passos@ifms.edu.br.

\*\*\*\*\* UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Instituto de Biociências – Letras e Ciências Exatas – Departamento de Letras Modernas – São José do Rio Preto – SP – Brasil. 19806-900 – luz@yahoo.com.br.

\*\*\*\*\* UNESP – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Instituto de Biociências – Letras e Ciências Exatas – Departamento de Letras Modernas – São José do Rio Preto – SP – Brasil. 19806-900 – luizhsoares83@gmail.com.

\*\*\*\*\* UEMS – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul – Jardim – MS – Brasil. 79804-970 – regianecorreadeoliveira@gmail.com.

escritor afro-americano James Baldwin, e do texto fotográfico de Érica Malunguinho (2018) feito por Sérgio Fernandes, ilustra-se o potencial operante dessa nova proposta, arejando leituras mais apuradas das identidades *quare*, forçosamente refreadas por regimes hegemonicamente instituídos.

■ **PALAVRAS-CHAVE:** Classe. Estudos *queer/quare*. Gênero. Interseccionalidade. Raça.

Kathryn Woodward (2003, p. 15), em “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”, defende que “O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade – por exemplo, para a identidade sexual.” Articulando os múltiplos elementos constitutivos da identidade e empreendendo um projeto de teorização que considera a sexualização dos corpos, os desejos, as ações, os conhecimentos, as relações sociais, culturais e institucionais, o elenco extensivo de estudiosos fundamentados sob a perspectiva analítica *queer* (WARNER, 1993; JAGOSE, 1996; BUTLER, 2000; GIFFNEY, 2009) elucida a afirmação de Woodward de modo magistral.

Surgidos nos anos 90, os estudos *queer* irrompem como um gesto transgressor, repudiando uma lógica cimentada em modelos cis-heteronormativos e nos “regimes do normal” (WARNER, 1993). Adotado para descrever algo ou alguém “estranho” ou “ligeiramente excêntrico” e, em seguida, para injuriar os “desviantes”, *queer* – termo então agressivo e depreciativo – passa a ser estrategicamente ressignificado e reapropriado de forma positiva. Logo, é reclamado com exaltação para caracterizar o ativismo insurgente não só contra a homofobia, mas também contra todas as outras formas de opressão relacionadas ao gênero e à sexualidade. Ao proporem a abertura de um espaço de desestabilização, contestação e subversão e ao desorganizarem as relações hegemonicamente previsíveis no âmbito da sequência sexo-gênero-sexualidade, os estudos *queer* emergem mais como um projeto político do que como uma corrente científica. *Queer* é um movimento contínuo, desconcertante ou, como apontado por Annamarie Jagose, “*a zone of possibilities [...] always inflected by a sense of potentiality*”<sup>1</sup>(JAGOSE, 1996, p. 2).

Em “*Introduction: The ‘q’ Word*”, exórdio feito por Noreen Giffney ao *The Ashgate Research Companion to Queer Theory* (2009), a autora explica que

*Queer is more often embraced to point to fluidity in identity, recognising identity as a historically-contingent and socially-constructed fiction that prescribes and proscribes against certain feelings and actions. It signifies the messiness of identity, the fact that desire and thus desiring subjects cannot be placed into*

<sup>1</sup> “uma zona de possibilidades [...] sempre modulada por um sentido de potencialidade” (trad. nossa).

*discrete identity categories, which remain static for the duration of people's lives. Queer thus denotes a resistance to identity categories or easy categorization, marking a disidentification from the rigidity with which identity categories continue to be enforced and from beliefs that such categories are immovable. Queer is championed by people both to reveal and revel in their differences in, what Cherry Smith terms, its 'potential for radical pluralism' [...] It functions to designate a political persuasion, which aggressively challenges hegemonies, exclusions, norms and assumptions. (GIFFNEY, 2009, p. 2-3).<sup>2</sup>*

Não obstante o foco na desarrumação e fluidez da identidade e na resistência à categorização, acima apontados por Giffney, e também o produtivo potencial epistemológico e metodológico presente na própria analítica *queer*, a utilização contemporânea do conceito tem sido colocada sob suspeita. *Queer* é frequentemente tachado por operar como atalho conceitual ou expressão sinônima de “gays e lésbicas”. Sob o prisma de reprimendas mais ferrenhas, é visto como categoria vale-tudo ou termo valise ilegítimo (ANZALDÚA, 1991).

Uma das críticas mais virulentas sofridas pelos estudos de gênero e particularmente pelos estudos *queer* assenta-se na inobservância quanto às correlações estabelecidas entre gênero, raça, etnia e classe (JOHNSON, 2005 [2001]; TAYLOR, 2009; MOORE, 2011). No prefácio do livro *In the Life: A Black Gay Anthology*, publicado em 1986 e reeditado em 2008, James Earl Hardy já destacava essa displicência: “*In a cultural milieu where black was misrepresented by welfare queens and crack addicts, and gay was only discussed in the context of AIDS (and that face was a white one), there was little to no acknowledgment of the existence of people who were black and gay*”<sup>3</sup> (HARDY, 2008, p. ix). No mesmo livro, Joseph Beam, ao abordar o não reconhecimento e a invisibilidade dos homens negros gays dentro das comunidades às quais, supostamente, pertenceria, evidencia como esses sujeitos são relegados a uma condição de inferioridade e de

---

<sup>2</sup> “*Queer* é mais comumente adotado para indicar a fluidez na identidade, reconhecendo-a como uma ficção historicamente contingente e socialmente construída, prescritiva e proscritora de certos sentimentos e ações. Significa a desarrumação da identidade, o fato de que o desejo e, portanto, os sujeitos desejantes não podem ser dispostos em categorias identitárias discretas, que permanecem estáticas ao longo da vida das pessoas. *Queer* denota, assim, uma resistência a categorias de identidade ou à categorização fácil, marcando uma desidentificação com a rigidez com a qual essas categorias identitárias continuam a ser impostas e com as crenças de que são imutáveis. *Queer* é defendido pelas pessoas tanto por revelar quanto festejar suas diferenças, naquilo que Cherry Smyth chama de “potencial para o pluralismo radical” [...] *Queer* funciona ainda para designar uma persuasão política, que, de forma agressiva, desafia hegemonias, exclusões, normas e pressuposições.” (trad. nossa).

<sup>3</sup> “Em um ambiente cultural no qual o negro era deturpado como sendo rainha do bem-estar social e viciado em crack, e o gay era discutido tão somente no contexto da AIDS (sendo os brancos os únicos representados), havia pouco ou nenhum reconhecimento da existência de pessoas negras e gay.” (trad. nossa).

indiferença. Focaliza, assim, o fato de o racismo e a homofobia serem versões de um mesmo sentimento: o do ódio. Opondo-se a essa lógica tirânica, fruto de uma matriz cis-heteronormativa, branca, burguesa, o autor anuncia que:

*Together we are making history. As Black gay men we have always existed in the African-American community. We have been ministers, hairdressers, entertainers, sales clerks, civil right activists, teachers, playwrights, trash collectors, dancers, government officials, choir masters, and dishwashers. You name it; we've done it – most often with scant recognition. We have mediated family disputes, cared for and reared our siblings, and housed our sick. We have performed many and varied important roles within our community.*

*Together we are creating and naming a new community while extending a hand to the one from which we've come. We are bringing into the light the lives which we have led in the shadows.* (BEAM, 2008, p. xxi-xxii).<sup>4</sup>

As inquietações de Hardy e Beam parecem reverberadas no artigo “*Queer, but Classless?*”, de Yvette Taylor, no qual a autora admite que a analítica *queer* tem sido acusada de relegar as materialidades à margem e de alçar a sexualidade à condição de “*the most significant, disruptive source of subversion*”<sup>5</sup> (TAYLOR, 2009, p. 200). Cabe ressaltar também que os estudos transgêneros, de forma análoga, tecem uma crítica aos estudos *queer*. Em “(De)Subjugated Knowledges: An Introduction to Transgender Studies” (2006), Susan Stryker argumenta a perpetuação de uma “homonormatividade” e uma “antipatia” ou “uma cegueira irracional” por parte dos estudos *queer* contra outras disposições da diferença *queer* (STRYKER; WHITTLE, 2006). Os estudos transgêneros, segundo Stryker, são, em muitos aspectos, mais voltados às questões do corpo e da identidade do que às do desejo e da sexualidade. Nesse sentido, adentram a esfera da raça, da classe, da idade, da deficiência e da nacionalidade nos movimentos e comunidades organizados em torno da identidade.

Tanto quanto se pode perceber, a analítica *queer* parece, com efeito, atrelada e demarcada por valores e preocupações de LGBTs brancos – de homens gays –, jovens, de classe média/alta. Para exemplificar, recorre-se ao romance do escritor afro-americano James Baldwin, *Giovanni's Room* (1956). Apesar de negro e

---

<sup>4</sup> “Juntos estamos fazendo história. Na condição de gays negros, sempre existimos na comunidade afro-americana. Somos ministros, cabeleireiros, apresentadores, balconistas, ativistas dos direitos civis, professores, dramaturgos, lixeiros, dançarinos, funcionários públicos, maestros de coral e lavadores de pratos. O que quer que você diga, nós fomos – na maioria das vezes, sem qualquer tipo de reconhecimento. Nós mediamos disputas familiares, criamos e cuidamos dos nossos irmãos, abrigamos nossos doentes. Desempenhamos muitos e variados papéis importantes em nossa comunidade. Juntos, estamos criando e nomeando uma nova comunidade enquanto estendemos a mão àquela da qual viemos. Estamos trazendo à luz as vidas que levamos nas sombras.” (trad. nossa).

<sup>5</sup> “fonte mais significativa e disruptiva de subversão”.

homossexual, Baldwin retrata, na obra referida, o amor entre um jovem americano burguês e um imigrante italiano, ambos brancos, que se conhecem num bar gay parisiense. A França, e principalmente a cidade de Paris, onde se passa a história, é, na década de 50, o reduto de artistas e intelectuais, cuja intenção é expressar, de maneira livre e sem pudores, a criatividade em todas as facetas da arte. Nessa época, a França é mais permissiva no âmbito sociocomportamental do que os Estados Unidos e outros países, razão pela qual Baldwin apresenta uma narrativa capaz de expor as alegrias, os prazeres, as aflições e os medos do narrador-personagem, David (o americano), que trava uma luta com as suas identidades sexuais: assumir-se homossexual ou seguir o fluxo da vida cis-heteronormativa. David tem uma noiva, Hella, que se encontra, durante grande parte da narrativa, na Espanha. Ali, enquanto pondera se deve ou não se casar com David, este conhece Giovanni, um garçom italiano por quem se apaixona. Ao regressar à França, Hella reata a relação com David, que abandona Giovanni para morar com Hella no sul do país. Enredado por um turbilhão de emoções, o protagonista assume o seu desejo por homens quando, no mesmo período, descobre que o seu amor, Giovanni, havia cometido um assassinato e seria preso e condenado à morte.

Diante do quadro destacado anteriormente, Baldwin parece ter por missão retratar a crise identitária de uma personagem que procura definir-se em termos identitários para assumir a sua homossexualidade. Como já explicitado, o protagonista é branco e pertence à classe média – recebe dinheiro do pai para se manter. Embora a narrativa proponha um desarranjo da identidade e um desafio das normas, exclusões e pressuposições (GIFFNEY, 2009) e problematize o gênero como ruptura dos valores sociais cis-heteronormativos, não aponta para questões alusivas aos homens negros gays – como poderia ser se a narrativa espelhasse a materialidade corporal do próprio autor. Nesse sentido, Baldwin promove um distanciamento entre vozes negras gays e vozes brancas gays no circuito das identidades, privilegiando aquelas hegemônicas, homogeneizando e universalizando sujeitos e subjetividades. No entanto, esse procedimento talvez fosse o possível para a época e no país onde vivia.

Kimberlé Crenshaw, professora e feminista estadunidense a quem é atribuída a cunhagem do termo “interseccionalidade”, bem como outras teóricas e feministas (negras), já havia advertido para a nulidade do reconhecimento de vozes isoladas e de diferenças dentro de um mesmo grupo. Essa homogeneização da identidade – que é já, e desde sempre, heterogênea e plurifacetada – conduz ao “perigo de uma história única”, recorrendo à prestigiosa expressão do título da conferência da escritora nigeriana Chimamanda Adichie. No encaço desses debates, o escritor e ativista Darnell Moore chega a argumentar que:

*African Americans are wanderers in the queer trajectory because our racial, ethnic, class, and social locations are, ostensibly, too quickly disregarded. It is*

*almost as if our racial and other identities are queerantined, that is, it seems that SGL people of color are often subjected to an unequivocal demand to “contain” our racial, and other, identities as the result of the enforced injunction on “identity politics” within the queer project. (MOORE, 2011, p. 156).<sup>6</sup>*

Moore é apenas um entre vários críticos a pontuar as negligências e fraturas internas no terreno dos estudos *queer*. Em análise mais profunda, a manobra praticada, uma vez mais, é o silenciamento de vozes e a invisibilização de corpos – nesse caso, negros – a que a agenda *queer*, em sua origem, rechaçava com veemência. Trazer essas hesitações a lume sugere uma incompletude dessa área de pesquisa, que falha “estranhamente” quando submetida a uma investigação mais sistemática e depurada. Além disso, a analítica *queer* elide os aportes intelectuais, estéticos e políticos de LGBTs racializados,<sup>7</sup> não classe média no combate à lesbo-bi-trans-homofobia e à opressão. Uma aposta interseccional, nesse sentido, possibilita examinar e compreender as complexidades intrínsecas aos diferentes grupos sociais, raramente abarcadas pelos moldes de um fator único, de um único eixo de divisão social.

Respaldado na ideia formulada por Crenshaw – ainda que em nenhum momento cite a autora explicitamente –, E. Patrick Johnson, professor de Estudos Afro-Americanos e Performance na Northwestern University, Estados Unidos, publica “‘*Quare*’ studies, or (almost) everything I know about queer studies I learned from my grandmother” (2005 [2001]). Esse artigo seminal datado de 2001 e republicado em 2005 abre um terreno fecundo – mas ainda pouco explorado – dos estudos *quare*. O texto inaugural que lança as bases do campo de estudo em questão traz, de forma epigráfica, as vozes de cinco LGBTs racializados discorrendo sobre a relação que mantêm com o termo *queer*. Moduladas entre afinidade e repulsa, as distintas opiniões expressas nas epígrafes realçam ora de modo resolutivo, ora de modo mais comedido a incompletude verificada no uso do termo. A fim de enfatizar essa insuficiência, Johnson apresenta, em forma de verbete de dicionário, as definições do termo *quare*:

---

<sup>6</sup> “os afro-americanos são viandantes na trajetória *queer*, pois nossas situações raciais, étnicas, sociais e de classe são rápida e ostensivamente desconsideradas. É quase como se nossas identidades raciais, mas também as outras, fossem ‘estranhadas’, colocadas em quarentena. Em termos diferentes: ao que parece, os indivíduos racializados praticantes do amor entre iguais estão frequentemente subjugados a uma exigência inequívoca de ‘conter’ nossas identidades, não só raciais, em decorrência da imposição forçada de ‘políticas de identidade’ dentro do projeto *queer*.” (trad. nossa).

<sup>7</sup> A expressão “não brancos”, comumente utilizada em língua portuguesa como forma de evitar a expressão pejorativa “de cor”, marca a centralidade da identidade branca, situando as outras todas em uma posição periférica e marginal. Numa tentativa de adequação, opta-se, ao longo do texto, pelo emprego do termo “racializados”.

**Quare** (*Kwâr*), n. 1. meaning queer; also, opp. of straight; odd or slightly off kilter; from the African American vernacular for queer; sometimes homophobic in usage, but always denotes excess incapable of being contained within conventional categories of being; curiously equivalent to the Anglo-Irish (and sometimes “Black” Irish) variant of queer, as in Brendan Behan’s famous play *The Quare Fellow*

– adj. 2. a lesbian, gay, bisexual, or transgendered person of color who loves other men or women, sexually and/or nonsexually, and appreciates black culture and community.

– n. 3. one who thinks and feels and acts (and, sometimes, “acts up”); committed to struggle against all forms of oppression – racial, sexual, gender, class, religious, etc.

– n. 4. one for whom sexual and gender identities always already intersect with racial subjectivity.

5. *quare* is to queer as “reading” is to “throwing shade.” (JOHNSON, 2005, p. 125).<sup>8</sup>

Num trabalho de revisionismo e releitura de *queer* como *quare* – pronúncia de *queer* na variante dialetal negra usada por sua avó –, Johnson dilata os marcos das dimensões prototípica, analítica e epistemológica dos estudos *queer* a fim de incorporar questões enfrentadas por lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros racializados. O autor constata que o uso do termo “*quare*” por sua avó compreendia duas acepções distintas: uma representando o emprego mais tradicional de *queer* (= excêntrico, estranho) e a outra representando um excesso de significados, tanto discursivos quanto epistemológicos, assentados em rituais culturais afro-americanos e também na experiência vivida. Johnson então afirma que o (não) saber da avó em relação ao uso de *quare* deve-se à “*multiple and complex social, historical, and cultural positionality*”<sup>9</sup> (JOHNSON, 2005, p. 126) por ela ocupada. Reconhece também sentir falta dessa posição cultural específica no uso frequente

---

<sup>8</sup> “**Quare** /kwɛr/, s. 1. Mesmo que *queer*; contrário de *hétero*; estranho ou ligeiramente excêntrico; do vernáculo afro-americano para *queer*; às vezes usado de forma homofóbica, mas sempre denotando excesso que não pode ser contido dentro das categorias convencionais do *ser*; curiosamente equivalente à variante anglo-irlandesa (e, às vezes, afro-irlandesa) de *queer*, como na famosa peça de Brendan Behan *The Quare Fellow*. / - adj. 2. lésbica, gay, bissexual ou transgênero racializado que ama outros homens ou outras mulheres, sexualmente e/ou não sexualmente, e aprecia a cultura e a comunidade negras. / - s. 3. Aquele que *pensa* e *sente* e *age* (e, às vezes, “reage”); comprometido com a luta contra todas as formas de opressão – de raça, de sexo, de gênero, de classe, de religião etc. / - s. 4. Aquele para quem as identidades de sexo e de gênero já, e desde sempre, estabelecem interseccionalidades com a subjetividade racial. / 5. *quare* está para *queer* assim como ‘gongar’ está para a ‘destilar veneno’.” (trad. nossa).

<sup>9</sup> “múltipla e complexa posição cultural, social e histórica”.

e mais tradicional que se faz do termo *queer*, em especial na reapropriação teórica desse termo dentro do contexto acadêmico. Portanto, empreendendo uma iniciativa arrojada, Johnson dá um passo arriscado ao propor a reconceitualização dos estudos *queer* como *quare*, de modo que categorias de raça, de etnia e de classe, até então negligenciadas por aqueles estudos, sejam abarcadas.

Ao mobilizar as tensões suscitadas entre distintas instâncias identificadoras e idealizar um projeto cujo objetivo maior é uma irrestrita inclusividade, Johnson reivindica a legitimação de um “corpo político” renovado. Em outros termos, um corpo político que não restrinja a identidade a um monólito indivisível alicerçado a uma compreensão essencialista de raça, etnia e gênero, nem elida a materialidade dos corpos, frequentemente convertidos em um local de trauma, onde coerção e violência racistas e/ou sexistas e/ou trans/homofóbicas são operadas. Um exemplo nítido da presença desses corpos sob os quais recaem as hostilidades é a canção *Beautiful Blackman*, de autoria de Blackberri:

### ***Beautiful Blackman***

*Beautiful blackman I'm just like you.  
You know I face discrimination too.  
Got here about ten,  
when I walked in this place,  
hardly nobody here would  
look me in the face.*

*Chorus:*

*You're such a beautiful Blackman  
but somehow you've been made to feel  
that your beauty's not real.  
You're such a beautiful Blackman  
but you walk with your head bendin' low.  
Don't you do that no mo'.*

*Beautiful blackman did they ask for ID?  
Did they want two with picture  
or did they want three?  
I know it's hard, but sometimes we must  
just walk away,  
shake our heads in disgust.*

*Chorus*



*Bridge:*

*I saw you cruise that white guy over there.  
The one with the wavy hair (yeah).  
I cruised him too, but I couldn't get through.  
It's not that you're ugly  
You see he might have a problem  
He may never, ever notice you  
or me for that fact too.*

*Chorus*

*Beautiful blackman I'm glad you looked my way.  
Let's go home together what more can I say.  
You say you don't see what I see in you.  
Well I see the beauty I wish you knew.*

*You're such a beautiful blackman  
but somehow you've been made to feel  
that your beauty's not real.  
You're such a beautiful blackman  
Come on put a smile on your face  
Be proud of your race.*

*Come on be proud of it (Repeat).*

(BLACKBERRI, 1984 *apud* BEAM, 2008, p. 35-36).<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> “**Negro lindo** // Negro lindo, sou como você. / Você sabe que também enfrento discriminação. / Cheguei aqui às dez, / e quando entrei, / ninguém nem / me olhou na cara. // *Refrão*: / Você é um negro tão lindo, / mas de alguma forma você foi levado a crer / que sua beleza não é verdadeira. / Você é um negro tão lindo, / mas anda com a cabeça baixa. / Não faça mais isso não. // Negro lindo, eles pediram um documento de identificação? / Queriam dois com foto / ou queriam três? / Sei quanto é difícil, mas às vezes é preciso / irmos embora, / balançarmos nossas cabeças com desgosto. // *Refrão* // *Ponte*: / Eu vi você de olho naquele cara branco ali. / Aquele com o cabelo ondulado (sim). / Eu fiquei de olho nele também, mas de nada adiantou. / Não é que você seja feio / Perceba que ele pode ter um problema / Ele nunca, jamais vai notar você / ou eu pelo mesmo fato. // *Refrão* // Negro lindo, fico feliz que você tenha olhado na minha direção. / Vamos juntos para casa, o que mais posso dizer? / Você diz não enxergar o que enxergo em você. / Bem, eu enxergo a beleza que eu queria que você conhecesse. // Você é um negro tão lindo, / mas de alguma forma você foi levado a crer / que sua beleza não é verdadeira. / Você é um negro tão lindo / Vamos, dê um sorriso / Tenha orgulho de sua raça. // Vamos, tenha orgulho disso (*Repete*).” (trad. nossa).

Na canção de Blackberri, o eu-enunciador simpatiza com a causa das aflições do Outro, a quem chama de “negro lindo”. Compadece, pois, da mesma dor de não ser reconhecido e, em certas circunstâncias, de ser até invisibilizado, porque lançados no submundo da indiferença e do menosprezo. Em “*My Gay Problem, Your Black Problem*”, artigo integrante do livro *The Greatest Taboo: Homosexuality in Black Communities* (2001), Earl Hutchinson observa que

*Black gay men continue to feel like men without a people. They carry the triple burden of being Black, male, and gay. They are rejected by many Blacks and sense that they are only barely tolerated by white gays. Many Black gay men feel trapped, tormented and confused by this quandary. They still spend sleepless nights and endless days figuring out ways to repress, hide, and deny their sexuality from family members, friends, and society.* (HUTCHINSON, 2001, p. 5).<sup>11</sup>

Analisados sob essa lógica, os corpos negros gays parecem ser desprovidos de importância. Reforçando estigmas e estereótipos, o ideal de beleza branca, condicionado por meio de um discurso tão forte e duramente instituído, é introjetado na consciência dos negros, de forma a que esses sujeitos o interiorizem e percebam-no como natural. Daí o “negro lindo” ser “levado a crer/ que sua beleza não é verdadeira” e não conseguir reconhecer o que o eu-enunciador vê de belo nele: “Você diz não enxergar o que enxergo em você./ Bem, eu enxergo a beleza que eu queria que você conhecesse.” A obliteração da materialidade corporal é colocada em xeque nesta produção. Blackberri parece legitimar o “corpo político” do qual trata Johnson. Assim, em sua canção, empreende um desmonte da lógica colonizadora: o corpo negro gay, ao contrário do instituído pela visão eurocêntrica do conhecimento, carrega significados positivos. A partir dessa percepção, desse estado de aguda consciência, o eu-enunciador tenta instigar no Outro a criticidade e a reavaliação de valores, impulsionando o corpo a ganhar novos contornos e feições. E nessas inéditas conformações, busca-se descolonizar perspectivas hegemônicas, superar arcaicas epistemologias e estereótipos, impregnados pela articulação discursiva de estruturas do racismo, do capitalismo, do cis-heteropatriarcado.

Identidades e subjetividades emaranhadas e complexificadas por compreenderem, a um só tempo, as marcas de subalternidade impostas à força de preconceitos raciais, classistas e de gênero, bem como de (o)pressões estruturantes de uma matriz colonial, são indeferidas pela teoria *queer*. Em crítica às limitações e insuficiências

---

<sup>11</sup> “Os gays negros continuam sentindo-se como homens sem um povo, carregando o triplo fardo de serem negros, homens e gays. São rejeitados por muitos negros e percebem-se apenas tolerados pelos homens brancos. Como efeito desse dilema, muitos deles se sentem presos, atormentados e confusos, passando, por isso, noites em claro e dias intermináveis inventando maneiras de reprimir, esconder e negar sua sexualidade dos familiares, amigos e da sociedade.” (trad. nossa).

dessa analítica, Johnson argumenta que, em razão de focalizar, sobretudo, noções como subjetividade/individualidade, agência e experiência, ela é muitas vezes incapaz de acomodar questões interseccionais nas quais o tráfego das vias de raça, etnia, gênero e de classe se entrecruzam. Em outras palavras: questões enfrentadas por LGBTs provenientes de comunidades “racializadas”. O autor argumenta:

*“Quare,” on the other hand, not only speaks across identities, it articulates identities as well. “Quare” offers a way to critique stable notions of identity and, at the same time, to locate racialized and class knowledges. My project is one of recapitulation and recuperation. I want to maintain the inclusivity and playful spirit of “queer” that animates much of queer theory, but I also want to jettison its homogenizing tendencies. As a disciplinary expansion, then, I wish to “quare” “queer” such that ways of knowing are viewed both as discursively mediated and as historically situated and materially conditioned. This reconceptualization foregrounds the ways in which lesbians, bisexuals, gays, and transgendered people of color come to sexual and racial knowledge. Moreover, quare studies acknowledges the different “standpoints” found among lesbian, bisexual, gay, and transgendered people of color – differences that are also conditioned by class and gender. (JOHNSON, 2005, p. 127, grifo do autor).<sup>12</sup>*

E continua:

*Quare studies is a theory of and for gays and lesbians of color. Thus, I acknowledge that in my attempt to advance “quare” studies, I run the risk of advancing another version of identity politics. Despite this, I find it necessary to traverse this political minefield in order to illuminate the ways in which some strands fail to incorporate racialized sexuality. The theory that I advance is a “theory in the flesh.” Theories in the flesh emphasize the diversity within and among gays, bisexuals, lesbians, and transgendered people of color while simultaneously accounting for how racism and classism affect how we*

---

<sup>12</sup> “‘Quare’, em contrapartida, não só transpassa as identidades, mas também as articula. ‘Quare’ oferece uma maneira de criticar noções estáveis de identidade e, ao mesmo tempo, situar o conhecimento de raça e de classe. Meu projeto é de revisão e recuperação. Quero manter o espírito lúdico e de inclusividade do ‘queer’, que inspira muito da teoria *queer*, mas também descartar tendências homogeneizantes. Como expansão disciplinar, pretendo, então, transformar o que é *queer* em *quare*, de modo que as formas de conhecimento sejam vistas não só como discursivamente mediadas, mas também como historicamente situadas e materialmente condicionadas. Essa reconceptualização coloca em primeiro plano os meios que possibilitam lésbicas, bissexuais, gays e transgêneros racializados alcançar conhecimento sexual e racial. Além disso, os estudos *quare* reconhecem os diferentes “pontos de vista” encontrados entre lésbicas, bissexuais, gays e transgêneros racializados – diferenças também condicionadas pela classe e pelo gênero.” (trad. nossa).

*experience and theorize the world. Theories in the flesh also conjoin theory and practice through an embodied politic of resistance. This politics of resistance is manifest in vernacular traditions such as performance, folklore, literature, and verbal art.* (JOHNSON, 2005, p. 127).<sup>13</sup>

Como exemplo da “sexualidade racializada” e da “política corporificada de resistência” das quais trata Johnson, pode-se referir o caso de Érica Malunguinho. Transexual nordestina, negra, hoje com 37 anos, saiu de Pernambuco aos 19 anos, já com a orientação sexual assumida, para morar na capital paulista. Nessa empreitada, contou com o apoio da mãe, responsável por criá-la sozinha. O sobrenome adotado, “Malunguinho”, diz respeito ao culto da Jurema Sagrada, entidade das matas de Pernambuco, região do Catucá, na qual, segundo Érica, transitaram seus antepassados. “Malungo” também é um termo usado pelos povos africanos da etnia banto, cujo significado é “camarada”, “companheiro”. Ativista, artista e educadora, trabalhou, por muitos anos, atuando na formação de professores, tratando de temas ligados à arte, à cultura e à política. A sua carreira é alicerçada numa vasta gama de trabalhos fotográficos, performances, escritas e desenhos. Especificamente quanto à sua carreira acadêmica, essa é descrita sem citar nomes de instituições – algo feito de forma consciente: “Não cito nomes, pois não quero que elas [as instituições] roubem o bônus da minha existência. Não são elas que me certificam, mas as relações humanas que me ensinaram a transitar numa sociedade estratificada, transfóbica, racista e homofóbica”.<sup>14</sup>

O texto fotográfico de Érica Malunguinho feito por Sérgio Fernandes é aqui analisado:

---

<sup>13</sup> “Os estudos *queer* são uma teoria de e para LGBTs racializados. Assim, reconheço que, em minha tentativa de levar esses estudos adiante, corro o risco de promover outra versão da política de identidade. Apesar disso, considero necessário percorrer esse campo minado, a fim de elucidar como algumas vertentes da teoria *queer* omitem a sexualidade racializada. A teoria proposta é uma “teoria na carne”. As teorias na carne enfatizam a diversidade dentro de cada grupo e entre os grupos de gays, de bissexuais, de lésbicas e de transgêneros racializados, ao mesmo tempo em que explicitam como o racismo e o classismo afetam o modo de vivenciarmos e teorizarmos o mundo. As teorias na carne também unem teoria e prática, por meio de uma política corporificada de resistência. Essa política de resistência está presente nas tradições vernáculas, tais como performances, folclore, literatura e arte verbal.” (trad, nossa).

<sup>14</sup> Conforme entrevista feita por Juliana Gonçalves em 06 de março de 2017. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/erica-malunguinho-mulher-negra-trans-aparelha-luzia-resistencia-negra-sao-paulo-quilombo-urbano>. Acesso em: 23 jul. 2018.

Érica Malunguinho no desfile do Bloco Ilu Inã



Fonte: Sérgio Fernandes<sup>15</sup>

De que modo a imagem de Érica Malunguinho, acima exposta, torna-se um local compreendido na determinação das fronteiras definidoras de sua identidade bem como de seu discurso? No texto fotográfico, percebe-se a transgressão problematizadora da lógica alicerçada em modelos cis-heteronormativos e nos regimes ditos normais, como elucida Warner (1993). O que, inicialmente, pela leitura fotográfica, apresenta-se como estranho, andrógeno e excêntrico, passa, em seguida, a ser caracterizado como exaltação, como ativismo insurgente contra a intolerância não apenas aos homossexuais, mas também relacionada ao gênero de modo geral, à raça, à sexualidade e, igualmente, à religião. Deve-se, inclusive, considerar o texto ligado ao projeto político e ao lugar de fala de Érica Malunguinho, sujeito desejante, desafiador das normas das categorias bem comportadas do sistema cis-heteronormativo, branco, elitizado. Nesse movimento de resistência e assujeitamento, a imagem apresentada permite uma interpretação como “revelação” e “festejo” do sujeito, de suas diferenças, em seu “*potential for radical pluralism*”<sup>16</sup> (SMYTH, 1992, p. 25). O corpo negro e trans de Malunguinho constitui um amálgama onde identidades de gênero, raça, etnia, classe – e, no caso da foto, religião – estão interligadas. Em termos análogos, Malunguinho é um corpo cindido por uma identidade *quare*.

Retomam-se agora os pressupostos da teoria *quare*. No ensaio que a entabula, Johnson investe na reflexão acerca dos estudos de gênero, mais detidamente no que

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www.ceert.org.br/noticias/genero-mulher/23063/erica-malunguinho-sp-elege-sua-primeira-deputada-trans-e-isso-e-muito-importante>. Acesso em: 22 jan. 2019.

<sup>16</sup> “potencial para o pluralismo radical” (trad. nossa).

concerne à teoria e à prática *queer*. Ao mapear uma história geral do uso da teoria *queer* no discurso acadêmico contemporâneo, focaliza a inexistência de discussão sobre questões de raça, etnia e de classe dentro desse paradigma analítico e convida à análise da leitura (errônea) de duas performances negras gays empreendidas por um teórico *queer*. O autor relata que, para muitos teóricos trabalhando dentro dessa perspectiva, discurso e corpo são terrenos mutuamente excludentes. Assim, recomenda a manutenção de uma relação dialógica/dialética entre essas duas instâncias e preconiza a não interpretação da “experiência” corporal como anti-intelectual. Em seguida, propõe uma intervenção nos estudos *queer*, balizando os pilares estruturais dos estudos *quare*, que incorporam raça e classe como instâncias interseccionais no exame da sexualidade. Ao buscar uma epistemologia consolidada no corpo, reduz-se a lacuna crítica entre teoria e prática. Johnson, a partir de uma leitura *quare* do filme *Black Is ... Black Ain't* (1995), de Marlon Riggs, evidencia como a analítica *quare* é, então, operacionalizada. Como último passo, o autor estabelece uma conjunção da práxis acadêmica com a práxis política. Resumidamente, explicita:

*Because I am not convinced that queer studies, theory, and activism are soon to change, I summon quare studies as an interventionist disciplinary project. Quare studies addresses the concerns and needs of gay, lesbian, bisexual, and transgendered people across issues of race, gender, and class as well as other identities and subject positions. While attending to discursive fields of knowledge, quare studies is also committed to theorizing the practice of everyday life. Because we exist in discursive as well as material bodies, we need a theory that speaks to that reality. Indeed, quare studies may breathe new life into our “dead” (or dead)ly stratagems of survival.* (JOHNSON, 2005, p. 149-150).<sup>17</sup>

Embora os estudos *queer* sejam um generoso filão a partir do qual a teorização do gênero e da sexualidade tenha avançado a passos largos, são insuficientes para lidar com uma categoria de sujeitos cindidos por identidades raciais, étnicas e de classe (entre tantas outras) em trânsito e em constante intersecção. É, pois, dessa necessidade premente que nascem os estudos *quare* enquanto projeto disciplinar intervencionista. Engajado tanto na política da diferença quanto na política do

---

<sup>17</sup> “Porquanto não estou convencido de que os estudos, a teoria e o ativismo *queer* devam sofrer alguma alteração em breve, instituo os estudos *quare* como um projeto disciplinar intervencionista. Os estudos *quare* abordam as preocupações e necessidades de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros com questões de raça, sexo e classe, bem como outras identidades e posições de sujeito. Ao mesmo tempo em que contribuem com os campos discursivos do conhecimento, também se comprometem a teorizar a prática da vida cotidiana. Porque existimos não só em corpos discursivos, mas também materiais, necessitamos de uma teoria que fale a essa realidade. Por certo, os estudos *quare* podem dar nova vida aos nossos estratagemas de sobrevivência “mortos” (ou mortíferos)” (trad. nossa).

racismo, inaugura-se como um espaço no qual os sujeitos ditos “abjetos” (BUTLER, 2000) ou da “subclasse” (BAUMAN, 2005) podem celebrar as sua(s) identidade(s) transitórias, em tráfego ininterrupto.

MORAIS, F. L. de; NIGRO, C. M. C.; BENFATTI, F. A. R.; PASSOS, Leandro; PASSOS, Luana; SOARES, L. H. M.; RAMOS, R. C. O. Quaring the Queer: an intersectional bet between gender, race, ethnicity and class. **Itinerários**, Araraquara, n. 48, p. 61-76, jan./jun. 2019.

■ **ABSTRACT:** *In this paper we attempt to problematize some of the limitations of queer theory, proposing a more unrestricted theoretical view, capable of establishing correlations between gender, race, ethnicity and class. In order to articulate such identity cleavages, we address the contributions of intersectional thinking and quare studies, an interventionist disciplinary project which amplifies the prototypical, analytical and epistemological dimensions of queer studies to incorporate key issues faced by lesbians, gays, bisexuals, and transgendered people of color. From the analysis of Blackberri's song Beautiful Blackman (1989), Giovanni's Room (1956), a novel by African-American writer James Baldwin, and the photographic text of Érica Malunguinho (2018), by Sérgio Fernandes, we depict the operational potential of such a new proposal, allowing clearer readings of quare identities, forcibly restrained by hegemonically instituted regimes.*

■ **KEYWORDS:** *Class. Gender. Intersectionality. Queer/quare studies. Race.*

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, G. To(o) Queer the Writer: Loca, Escrita y Chicana. In: WARLAND, B. (Ed.). **Inversions:** Writing by Dykes, Queers and Lesbians. Vancouver: Press Gang, 1991. p. 249- 263.

BALDWIN, J. **Giovanni's room**. New York: Dell Publishing, 1956.

BAUMAN, Z. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEAM, J. (Ed.). **In the Life:** A Black Gay Anthology. 2. ed. Washington, DC: Redbone Press, 2008.

BLACKBERRI. Beautiful Blackman. In: BEAM, J. (Ed.). **In the Life:** A Black Gay Anthology. 2. ed. Washington, DC: Redbone Press, 2008, p. 35-36.

*Fernando Luís de Morais, Cláudia Maria Ceneviva Nigro, Flávia Andrea Rodrigues Benfatti, Leandro Passos, Luana Passos, Luiz Henrique Moreira Soares e Regiane Corrêa de Oliveira Ramos*

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. *In*: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.

GIFFNEY, N. Introduction: The 'q' Word. *In*: GIFFNEY, N.; O'ROURKE, M. **The Ashgate Research Companion to Queer Theory**. London: Routledge, 2009, p. 1-13.

HARDY, J. E. And We Continue to Go the Way Our Blood Beats... *In*: BEAM, J. (Ed.). **In the Life: A Black Gay Anthology**. 2. ed. Washington, DC: Redbone Press, 2008. p. ix-xiv.

HUTCHINSON, E. O. My Gay Problem, Your Black Problem. *In*: CONSTANTINE-SIMMS, D. (Ed.). **The Greatest Taboo: Homosexuality in Black Communities**. Los Angeles: Alyson Books, 2001. p. 2-6.

JAGOSE, A. **Queer Theory: An Introduction**. New York: New York University Press, 1996.

JOHNSON, E. P. 'Quare' Studies or (Almost) Everything I Know about Queer Studies I Learned from My Grandmother. *In*: JOHNSON, E. P.; HENDERSON, M. G. (Eds.). **Black Queer Studies: A Critical Anthology**. Durham: Duke University Press, 2005. p. 124-157.

MOORE, D. L. An Interrogation of the Black Presence in the Queer Project. **Trans-Scripts**, n.1, p. 154-171, 2011.

SMYTH, C. **Lesbians Talk Queer Notions**. London: Scarlet Press, 1992.

STRYKER, S.; WHITTLE, S. **Transgender Studies Reader**. New York: Routledge, 2006.

TAYLOR, Y. Queer, but Classless? *In*: GIFFNEY, N.; O'ROURKE, M. **The Ashgate Research Companion to Queer Theory**. London: Routledge, 2009, p. 199-218.

WARNER, M. Introduction. *In*: WARNER, M (Ed.). **Fear of the Queer Planet: Queer Politics and Social Theory**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993. p. vii-xxxi.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

